

DEPOIMENTO DE JOAQUIM, PRECIOSO E EDSON Á COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS

JOAQUIM: Falaram comigo que era pra mim ir na delegacia, prestar uns esclarecimentos. E foram também na casa do secretário que era o meu primo Ari, falou a mesma coisa com ele e do tesoureiro Serafim, eles dois já são hoje falecidos. Quer era pra ir na delegacia prestar uns esclarecimentos. E o presidente da câmara de vereador na época, era um jovem do nosso grupo da juventude agrária católica, ele tomou conhecimento logo que eles chegaram e junto com o delegado de polícia ele foi ate ao chefe do pelotão, não consegui nada. Esse jovem que era o presidente da câmara, ele morreu há 2 anos aqui atrás, chamava Adalcio Gonçalves de Paula, é irmão de Cissa, Nilmário conhece. Cissa, o doutor Edson Soares também conhece né. Cissa foi presa mais a diante, acho que mais ou menos na época que Nilmário foi né, ficou presa bastante tempo. Ela mora hoje em Belo Horizonte, e Adalcio não foi preso porque Deus ajudou, mas eles... Deixaram ele, não sei como não prenderam Adalcio, ele era do grupo, ele não era da direção de sindicato porque ele não era rural, mas ele era do nosso grupo, e deu todo apoio. Ele veio aqui em Teófilo Otoni, na **mita** diocesana, procurou o padre Teodoro e falou com o padre que a gente tinha sido preso, que lá na hora eles falaram que era pra prestar esclarecimento, mas quando chegou na praça lá em Poté, os chefes deles, deram a ordem de prisão e um comando lá que eles é que entende e eles manobram as metralhadoras, os fuzis, e colocou a gente nós jipes e viemos embora pra Teófilo Otoni. “Chegando na estrada, aqui mais ou menos 10 quilômetros de distância, um dos companheiros, pediram que queria descer pra urinar, aí um dos policiais falou assim: “não, nós não vamos pra o jipe não, você pode pular por aí mesmo”. Então eles tratava ele dessa maneira, aí nós ficamos calado [sic], eles andaram mais um pouco, parou o jipe e mandou pode descer. Aí o que tinha pedido desceu primeiro e os fuzis apontado pra ele, ele voltou depois o outro, depois eu, cada um que descia os fuzis apontado. Chegamos aqui, nada de delegacia pra prestar esclarecimento não. Nós fomos direto pra o cadeião [sic], lá no cadeião nós chegamos bem cedo

[sic], já tinha alguns presos, e passamos o dia todo, à noite, o que colocaram lá pra nós durante o dia e a noite, foi uma lata daquelas que vinha com queresone de 20 litros, com água, na hora que a água acabava tornava a colocar, não deu nada pra gente comer. E junto com os presos, eu me lembro de alguns nomes, poucos Seu Eldaco Miranda, foi um deles, tinha um dono de uma farmácia por nome Romeu e um dono de bar, me parece que chamava Silvio, mas não é o Silvio de lajinha não, era o outro tá Silvio. Silvio foi depois, e outras pessoas que eu não guardei o nome, não teve tempo, lá no dia a gente nem teve como fazer amizade, tomar conhecimento com as pessoas, que o foi o choque tão grande. Aí no dia seguinte, eles nós levaram pra Governador Valadares, levaram pra Valadares e a gente sem comer, chegando na estrada, no rumo ali da cidade, em Frei Inocêncio, um dos companheiros falou: "oh gente vocês podia deixar a gente almoçar.". Aí o policial "vocês tem dinheiro pra pagar?" "Ah um pouquinho de dinheiro eu tenho aqui no bolso". Eu não tinha, no que eu levantei na hora eu não tinha nada bolso, o Serafim também não tinha, mas o Ari meu primo tinha um pouco de dinheiro no bolso. Ele falou, "Eu tenho dinheiro que da pra pagar pra nós" e aí o Romeu falou que estava no jipe, era nós 4, o Romeu falo "eu tenho dinheiro aqui que da pra paga". Aí ele e Ari pagou almoço nosso. Depois que nós entramos no jipe, um dos policiais voltou lá dentro e conversou lá e voltou e entrou no jipe e fomos embora. Na volta da prisão, nós passamos no mesmo restaurante pra tomar um café, mas aí já acompanhado do padre Teodoro e do bispo Dom Quirino. Quando passamos lá o pessoal do restaurante perguntou: "aquele policial que veio aqui devolveu o dinheiro pra vocês"? nós falamos não, qual é o dinheiro? Ele veio aqui e falou que era pra devolver o dinheiro, porque não sabia ate aonde vocês iam, se era pra a Ilha das Cobras, ou pra Fernando de Noronha ou pra onde ia e que ia demorar muito tempo e que precisava do dinheiro seus, pra vocês, e nós devolvemos o dinheiro e pediu também uma carteira de cigarro pra cada um e ninguém, sabia disso. Ladrão! fez isso. Então nós tivemos a felicidade muito grande, de chegar em Governador Valadares, no batalhão, e já no mesmo tempo o Adalcio veio aqui em Teófilo Otoni,

falou com o padre Teodoro que a gente tinha vindo e o padre Teodoro foi e o Dom Querino estava em uma visita pastoral em Italeia, em um lugar por nome de São Miguel em Ataleia, o padre Teodoro foi lá, comunicou pra ele o que estava acontecendo aqui, o que tinha acontecido lá em Poté e aqui. Ele veio e foi com o padre em Governador Valadares, chegou lá foi no batalhão, antes de ir ele passou um telegrama pra o presidente, o Castelo Branco, e em resposta do telegrama ele levou pra o comandante do batalhão e lá eles assumiram ele e o padre assumiram responsabilidade por nós, dizendo que a gente era dirigente de sindicato, mas que eles davam toda cobertura. Fez lá o maior apoio que podia fazer por nós. Aí quando nós estávamos lá na cela do batalhão, chegou um policial na porta, nesse momento o meu primo o Ari que ele era professor de música, ele estava... Ele falou “vou escrever uma música pra depois a gente voltar à gente recordar dessas coisas”. Ele pediu ao policial um lápis, um papel e um policial deu, ele ia começar a escrever a música, chegou um policial na porta e falou olha o Joaquim do sindicato de Poté faz favor de vir aqui, e aí o pessoal que já estava lá há mais dias, falou “olha vocês do Sindicato Trabalhador Rural vão chegando aqui eles vão levando pra frente e nós de outros grupos, grupo de 11 outras coisas vão demorando mais, nós estamos aqui mais tempo e os de sindicato vão chegando e eles levam”. Nisso quando me chamou eu já pensei “agora eu vou separar dos companheiros”, mas não, Deus ajudou principalmente Deus e o Dom Querino e o padre Teodoro, estava lá no batalhão na sala do comandante e eles me levaram lá e o comandante fez poucas perguntas. E com o apoio deles me liberou, e chamou o Ari e o Serafim, e liberou os 2 também. Aí nós voltamos na rural do bispo e o padre, nós voltamos da prisão. Tortura física, graças a Deus, nós não passamos, não deu tempo, porque foram 2 dias só, não deu tempo de começara as torturas físicas, como aconteceu com muitos outros companheiros, o presidente do sindicato de Coronel Fabriciano ele ficou 1 ano, mais de 1 ano na cadeia, quando saiu de lá, saiu tuberculoso pra morrer em casa. De Governador Valadares foi exilado, era o Chicão [sic], e outros de Galileia e de outros sindicatos que eu conheci sindicato de trabalhadores rurais,

teve companheiro que nunca mais foi visto. Então, nós graças a Deus, tortura física, não, mas a psicológica foi por muito tempo, sempre, sempre eles me procuravam e queria que eu declarasse que o padre e o bispo Dom querino estava organizando guerrilhas, orientando pra invasão de terras, uma serie de coisas que eles queriam que a gente denunciasse. Então a tortura física, a psicológica foi por muito tempo e nós continuamos tentando organizar os trabalhadores, mas não conseguia. Os trabalhadores que antes, que ate na época a gente conseguia reunir 180, 200 trabalhador no sindicato, desapareceram. O povo ficou com medo, na cidade se a gente tivesse umas 3 ou 4 pessoas conversando lá em Poté a polícia chegava e desfazia o grupinho, não pode ficar grupo aqui conversando e descobrimos que várias pessoas da cidade, passaram a ser informantes dos órgãos de segurança da SNI, do DOPS, eles eram informantes, qualquer coisa que a gente fazia eles informavam, então constantemente a gente estava sendo questionado. Depois em as 3 federações que eu citei foram caçadas a maioria dos 40... Quase todos os 47 sindicato do trabalhador rural fecharam as portas, o nosso de Poté não fechou porque no dia das prisões, eles... O que eles mais procuravam levar era a carta de reconhecimento pelo Ministério do Trabalho, legitimando o sindicato, e o nosso eles não levaram porque na época a minha noiva era também do grupo de jovens, ela trabalhava como assistente social no hospital de Poté, e o hospital estava passando por uma reformar e tinha pilha de tijolos, ela pegou a carta reconhecida pelo Ministério do Trabalho não tinha plástico na época, ela colocou dentro de um jornal abriu a pilha de tijolos e colocou a carta lá dentro e tornou fechar os tijolos, e sempre tem os dedos duro, alguém falou com eles que os documentos que eles estavam precisando, certamente estava com ela. Que eles nós trouxeram e ficou um grupo de policiais lá em Poté varrendo tudo, os bloquinho de receber 50 [sic]... Ah não sei não é centavo, é um dinheiro que era metade de. A metade de um, eu não sei se era real, não era real não, era um outro dinheiro na época. Aquele bloquinho de receber aquela mensalidade eles trouxeram [sic], livro de ata, ficha de associado, trouxeram tudo e queria a carta sindical, mas, ela por providência divina ela tinha

guardado aquela carta e eles foram lá no hospital, apertaram ela, e ela falou “eu nem sei o que é esse papel.”. Hoje aqui a verdade, mas naquele dia foi obrigado a mentir porque senão mentisse o sindicato tinha deixado de existir. Ela falou que nem sabia o que era aquilo, eles apertaram, ameaçaram até prendê-la, ela falou “pode me prender, mas eu não sei o que é isso, não conheço nada de sindicato”, aí eles deixaram e a carta ficou guardada, tem a carta, essa carta tem no sindicato até hoje, e só 3 sindicatos ficaram com essa carta para, 5 anos depois fundar a atual federação AFETAENG, porque a CONTAG também ela não foi extinta igual às 3 federações mais foi, sofreu intervenção, foi colocado um intervenção na COTAG, e a sede ainda era em Brasília e depois, em Rio de Janeiro depois que transferiu pra Brasília. E o interventor colocou uma delegacia regional da CONTAG, em Minas Gerais e o delegado que foi nomeado era do Circulo Operários Cristão daqui de Teófilo Otoni e era filho lá de Poté, muita gente aqui conheceu o Geraldo Nassif Salomão. Ele como interventor, como delegado da CONTAG, ele tinha a função de reestruturar o sindicato pra fundar a, uma federação legítima, porque as 3 tinham sido casadas, e aí reorganizou mais 2, juntou de Poté, Esmeralda, Brumadinho, Três Pontas e o de Araçuaí, que tinha ficado com a carta também com o apoio de Dom Querino, a carta de Dom Jose Maria Pires, a carta de reconhecimento tinha ficado. Então esse 5 sindicatos fundamos a FETAENG em 68, a atual Federação Salvador da Agricultura, FETAENG foi fundada em 68, fez agora 45 anos e deu continuidade aquele trabalho como muita dificuldade, que dentro do regime militar, o governo militar apesar de ter criado o estatuto da terra em 1963, dizendo que ia fazer a reforma agrária, na realidade da oportunidade de fazer a reforma agrária pelo estatuto da terra, mas deu mais oportunidade dos grandes concentrar mais a terra na mão deles, dos grandes latifundiários, as empresas nacionais e multinacionais, de concentrar mais a terra através do estatuto da terra. E para dar uma resposta aos problemas sociais, criou, foi juntando do produto agropecuário a ser vendido desde época do golpe militar, começou a juntar um fundo de assistência ao trabalhador rural. E em 1971, criou a lei à primeira lei de Assistência Social Rural. Era dado o

nome de FUNRURAL, alguém deve lembrar dos municípios, colocaram o FUNRURAL e colocou a responsabilidade na mão dos sindicatos de trabalhadores rurais. Criar convênios criou convênios médicos, odontológicos, e farmácias, nas mãos dos sindicatos e os prefeitos na época ajudando. Aí os prefeitos começaram a ajudar a fundar o sindicato, porque os convênios ajudavam os prefeitos a resolver o problema da assistência. E por aí foi uma década, década de 70, com a década que criou muitos sindicatos de trabalhador rural, nessa linha, do assistencialismo. E lá em Poté o nosso passou pra essa linha do assistencialismo. Em 68, quando foi fundar a AFETAENG, pra não, pra eu não ter dificuldades, que o sindicato que ter dificuldade a sua reestruturação, nós achamos por bem que eu não me candidatasse a cargo da executiva. Então eu fui, organizamos uma chapa, eu entrei como suplente do conselho fiscal e suplente de delegado e representante. E o delegado regional do trabalho que dava a posse aos eleitos, mandou um telegrama autorizando a posse dos eleitos menos o Joaquim Pereira da Silva Neto, eu não. Aí que eu, "porque eu não posso tomar posse?" Fui passar saber o porquê os meus direitos políticos e sindicais, estavam cassados por 10 anos, eu só fui saber em 68, eu os direitos políticos e sindicais estavam cassados por 10 anos. Quando venceu os 10 anos, já em 75, dentro daquela linha de trabalho do assistencialismo o Padre Teodoro já tinha ido embora de lá por pressão política, ele tinha ido embora pra Belo Horizonte, quando criou a FETAENG, a diretoria conhecendo o trabalho dele, o interesse que ele tinha pelos trabalhadores rurais, deu a ele um cargo de assessoria na FETAENG, colocou ele como assessor de sindicalismo e formação. Aí ele começou há trabalhar poucos dias depois, o DOPS chamou a diretoria da FETAENG e falou: "olha aquele padre Teodoro é indesejável ao governo ou vocês tiram ele ou nós tiramos vocês", aí a diretoria da FETAENG teve que tirar o Padre Teodoro imediatamente, e ele ficou lá em Belo Horizonte trabalhando na paróquia, mas fora do movimento sindical. Quando foi em 73, 74, foi um padre lá pra Poté, com a proposta de trabalho de organizar novamente os trabalhadores, aí foi na SEBES mais uma vez a atuação da igreja católica, já não era JAC porque tinha sido

acabada também aí foi a SEBES, comunidades eclesiais de base [sic], e dentro das SEBES nós organizamos uma chapa, foi quando eu fui eleito naquela chapa, no cargo de presidente novamente. Eu fiquei 2 mandatos presidente daí eu não voltei mais a direção do sindicato, sempre eu me permaneci junto [sic], mas assim na suplência. E hoje nós temos no estado de Minas, 522 sindicatos filiados a FETAENG, tem mais uns 20 e tantos fundados e ainda não filiados, hoje somos 540 e tantos sindicatos no estado. Temos participamos dentro do regime militar nós participamos de varias ocasiões, procurando... Trabalhando, apoiando as eleições diretas já, apoiando a anistia, procuramos sempre nos congressos da federação, da confederação da CONTAG, levar o as propostas dos trabalhadores rurais e várias políticas públicas, que nós temos hoje, no Brasil foram conquistas do sindicato dos trabalhadores rurais. Eu não vou citar, porque são muitas, mais a gente olhando na área da previdência social é o que o que sindicato mais olha é a previdência, porque a reforma agrária muitas vezes não são muito trabalhada e outras frente de luta [sic]. Mas na área da previdência se olharmos hoje ao invés de mendigos na cidade, como tinha toda cidade pequeno porte Poté era cheia de mendigo, hoje nas primeiras semanas do mês, as cidades estão cheias de trabalhadores rurais e trabalhadoras, viúvas comprando sem precisar pedir na assistência social, sem precisar pedir prefeito e nem vereador, as coisas, estão comprando com o dinheiro da previdência social rural. Pra terminar gente é isso, hoje nós temos um pouco de dignidade, depois de ter passado por aqueles problemas. Então eu acho ótimo esse trabalho da Comissão da Verdade pra gente a oportunidade de mostrar pras pessoas novas que hoje o que tem aí luz para todos, habitação rural, nada disso foi doado, foi conquistado com muita dificuldade dos companheiros urbanos que ajudaram muito no nosso trabalho. Principalmente a Juventude Estudantil Católica que ajudou muito o trabalho nosso no meio rural, muito obrigado a todos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Muito obrigado Senhor Joaquim, parabéns pela sua bela historia. Eu quero fazer uma perguntinha rápida aqui pro senhor. O senhor ficou 2 dias preso? 2 dias, fala a data.

JOAQUIM: Foram nos primeiros dias de abril, no livro que Dom Quirino de 64. No livro que Dom Quirino escreveu fala que foi no dia 2 de abril, mas no livro de Tombos da Paróquia de Poté Padre Teodoro redigiu que foi no dia 8 de abril, então eu não guardo bem...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Dois dias. O senhor teve processo, respondeu processo? Não né, tá. Muito obrigado viu, e parabéns pra o senhor viu. Imediatamente. Olha o devido o adiantado da hora e nós ainda voltaremos pra Belo Horizonte hoje, nós vamos estabelecer 20 minutos para cada um dos depoentes. E nós vamos chamar agora o Senhor Precioso Barbosa que vai prestar o seu depoimento. Pois não, com a palavra.

PRECIOSO: Meus amigos, minhas amigas, boa tarde. A Comissão da Verdade, eu agradeço muito a oportunidade que está me dando de falar sobre os acontecimentos de 1964, eu sou ex-presos político, fui preso em 2 de abril de 1964, eu pertencia ao grupo dos 11. Era o **espedo** manifesto idealizado por Leonel Brizola. Cada um tinha uma função específica como jogador de futebol, mas de vida a revolução de 64 achava que era um grupo de terroristas, então toda. Quando se fundava um grupo de determinada cidade, avisava a Rádio Mayrink de Veiga, mais o SNI já estava de olho lá naqueles grupo. Então quando estourou a revolução nós fomos os primeiros a ser presos, devido eles qualificarem a gente como terrorista e não tinha nada disso. Aqui eu fui preso aqui em Teófilo Otoni, na cadeia local e eu admirei que eu nunca tivesse em uma delegacia e quando cheguei lá vi a cela das mulheres, achei que era um lugar bom. No instante, nós ficamos em uma cela pequena, e que não cabia 10 pessoa *[sic]*, com mais um grupo de mais de 20, ficamos por 3 dias aqui. Daqui nós fomos pra Valadares onde lá em Valadares ficamos no batalhão, e como já era o grupo dos 11 visado, chegamos lá sofremos a maior tortura psicológica *[sic]*, como chegava que um **famigerado** lá, um capitão Pedro, Tenente Clinger, então o que eles faziam, eles juntavam a gente, juntava numa parede, chegava lá separava a gente e falava “esse aqui é da turma do Capitão Pedro que é pra algemar e jogar todo

mundo no rio doce.”. Então aquilo criava-se um pavor a gente que a gente não sabia o que fazia. Ficamos lá uns 4 a 5 dias e de lá fomos pro DOPS lá em Belo Horizonte, quando chegamos no DOPS, o terror psicológico continuou, ele colocaram a gente num muro e falara que era o paredão de Fidel Castro, e atiraram na gente com bala de festim, atiraram de fuzil. Então, o pavor, criou aquele pavor que a gente nem dormia direito, de lá nós prosseguimos pra Neves, lá pra neve. Na neve também psicologicamente arrasada com a gente *[sic]*. Aí passado uns dias nós fomos até. Eu era funcionário público federal e estava na eminência ate de perder o emprego e eles divido saber a minha vida particular, fazia aquela pressão em cima de mim, pra mim confessar coisas que não existia! Como dinamitar a ponte da (trecho incompreensível), jogar bomba em cadeia, aquele negócio essas coisa toda que nada existia nada disso. Então passado aqueles tempo, nós tornamos lá dar Neve *[sic]*, tornamos voltar pro DOPS, pra aguardar a liberdade, nisso saiu, mudaram de ideia e fizeram de IPM, o inquérito policial militar contra a gente, contra todo o grupo dos 11. De lá tivemos que ir em Juiz de Fora também fazer depoimento perante o exército. E de Juiz Fora regresso pro DOPS, e então tivemos aquele período de terror psicológico em cima da gente, mas depois de vários dias e meses nos soltaram, quando soltaram a gente, chegamos na rodoviária, na estação ferroviária, o nome da gente esta lá que não podia viajar, quer dizer como que a gente ia regressar aqui sem ter condições de voltar pra casa. Quando chegamos aqui já encontramos aqui *[sic]*, o Coronel Urano, que presidindo o IPM, e oque que ele fazia? Então tachava a gente da pior, da pior maneira que podia tachar a gente com supervertia, como terrorista que era justamente para aplicar a CSM, que era em Juiz de Fora, aplicar uma pena grande a gente. O que aconteceu, nós então fomos, tiveram que prestar diversas vezes depoimento, inquérito, ate que tivemos lá em Juiz de Fora, concederam a gente o, como a gente não tinha terrorismos nenhum, não fazia parte de terrorismo nenhum, entao liberaram a gente o IPM. Mas, quando voltamos de Teófilo Otoni tivemos que ir novamente em Belo Horizonte, prestar depoimento lá na, defensoria lá no estado, não to lembrando aqui. Então foi um

período meio ruim, eu novo, casado e novo, (trecho incompreensível) a mulher passado as maiores privações, eu não estava aqui, eu era funcionário público, cortaram o meu pagamento, durante o tempo que eu estava preso não recebi dinheiro nenhum, então esse grupo dos 11, era idealizado pelo Brizola, e aqui em Teófilo Otoni, era o tinga roxa que fazia, era o chefe principal. Então ele coitado, foi preso passou 2 anos preso, apanhou muito, fizeram as maior tortura em cima dele e depois que o liberaram [sic]. Mas, passaram essa época toda dura, veio à bondade, falo que foi a bondade é que vieram a democracia. Então com a democracia nós pudemos externar hoje o que a gente pode externar [sic]. Então eu quero nesse momento, eu não posso demorar muito tempo porque e tenho um compromisso muito sério lá na câmara municipal e vou ser homenageado hoje lá, então eu queria que vocês me desculpassem, na próxima que tiver uma audiência eu posso falar tudo, tudo aquilo que eu passei, todas as perseguições, e depois do regime, depois solto também teve umas perseguições depois, perseguido de um jeito ou de outro, mas durante o período militar, nunca deixaram de fazer as perseguições políticas pra gente. Mas com o decorrer, quando houve a democratização, aí nós podemos já ser livre. Então eu quero pedir a vocês desculpa de não poder demorar mais que eu tenho compromisso [sic], daqui a pouquinho lá na câmara municipal [sic]. Eu quero agradecer pessoalmente aqui ao pessoal membro da comissão e que na próxima oportunidade eu serei mais (trecho incompreensível). Muito obrigado!

INTERLOCUTOR NAO IDENTIFICADO: Senhor Precioso, esse Coronel Pedro na época era tenente, é o coronel Pedro Ferreira?

PRECIOSO: Positivo, mas ele coronel sempre.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não ele era tenente.

PRECIOSO: Não, ele era coronel, tenente era o Crige.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É capitão, tá certo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Só uma coisa, os 11 do grupo foram preso com o senhor, prenderam os 11?

PRECIOSO: Todos os 11 foram preso *[sic]*.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Competente em essa polícia.

PRECIOSO: Eu tenho a relação.

INTERLOCUTOR NAO INDENTIFICADO: Esta aqui o documento do professor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Vai fornecer o nome dos 11 né?

INTERLOCUTOR NAO IDENTIFICADO: Não já tem lá.

PRECIOSO: Tem a relação todinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Muito precioso o seu documentário, muito obrigado!

PRECIOSO: Foi um prazer imenso.

(trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele vai ficar muito satisfeito, eu falei viu. Olha imediatamente agora, nós chamaremos o Edson Gonçalves Soares. De Ibiúna.

EDSON: Boa tarde, eu quero cumprimentar o Jurandir, a Emely o Márcio, os participantes da Comissão da Verdade e dizer que esse momento, é singular, é importante de sobre maneira importante por dois aspectos. Primeiro ele ser realiza na universidade, que pra nós é o maior patrimônio imaterial e material de Teófilo Otoni da região. Segundo pela importância do assunto, o que vocês pretendem pelo que eu percebi é resgatar a história do período de 64 a 84. Eu ia fazer algumas condições, considerações a respeito do contexto histórico de Teófilo Otoni pré e pos 64, mas Nilmário com a competência e diligência própria dele já o fez, e eu vou **eater** se me permitido falar mais da minha experiência pessoal durante a minha luta política e as minhas prisões. Eu vim do interior da roça, lugar que não tinha luz, não

tinha telefone, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha acesso, vim do sítio na década de 50, adolescente, semi analfabeto, cheguei da cidade grande, Teófilo Otoni era grande na época iluminada a noite, aquilo me fascinava cheio de gente andando pra lá e pra cá, me fascinava mais ainda e fui pra escola. Na escola eu tive a sorte de me relacionar com algumas pessoas que já cujos os nome já foram ditos mas que vou repeti-los: Nilmário de Miranda, Aldaque Miranda, Dalton Godinho, Baldi Berri, Cissa de Poté, Dodora, Solange Nobre, tantos outros jovens meninos e meninas adolescentes, que preocupados com o momento atual, queriam discutir, bater papo além de a diversão normal falar de política. E assim o fizemos, fomos pro colégio estadual Frei de Sá, eu ainda menino da roça, sem saber andar direito na cidade grande, mas aprendendo com a turma, fundamos o diretório, chamava Grêmio Líder Recreativo Dois de Abril, eu fui o primeiro presidente, Nilmário foi o diretor do jornal tribuna livre que era publicado pelo nosso grêmio, fomos trabalhar na **OETO**, participar de movimentos os mais diversos possíveis e constituímos algo que o Nilmário se esqueceu de dizer que foi um movimento, cuja participação era desses meninos e meninas e outros tantos, liderados pelo Padre Capeta, Frei Cristovam, ajudado pelo Doutor Osvaldo Urbano, desculpa eu esqueci de cumprimentar o pessoal os meninos da OAB, Doutor Osbal Urbano advogado, que saiu pela região inteira inclusive Poté, e na ida de Poté foi trágica, porque voltamos no jipe no qual eu estava o Doutor Osmar, você estava junto com a gente? E viemos andando de Poté aqui a pé, falando poesias, e me lembro que Leo, foi inquirida a fazer uma e Leo era muito inteligente e olhou pro céu e falou “o céu estupidamente estrelado” e começou a falar coisas bonitas, que jovens apaixonados como nós éramos pelo comum, pelo coletivo poderia criar naquele momento. Então, essa passagem rápida por Teófilo Otoni com essa turma, nos levou a Belo Horizonte em 1965. 1965, fomos estudar no primeiro ano do colégio universitário recém criado naquele ano pelo Aloizio Pimenta, lá fundamos um grêmio e eu também fui o primeiro presidente do grêmio, Nilmário foi pra colégio estadual, se não me engano, eu fui pra o universitário com outros colegas de Teófilo Otoni. Todos nós passamos

o vestibular na primeira etapa, só 1 que fez medicina que não passou Fernando Lemos, os outros todos passamos e lá em Belo Horizonte também, fizemos, começamos a desenvolver e praticar a consciência crítica, nos organizando na escola, nas passeatas, os diretórios, eu fui diretor do diretório da escola de engenharia, fui diretor meio clandestino da união UEE, união estudantil. União Estadual de Estudantes de Minas Gerais, e aí entramos com simpatizamos a POLOP, Política Operária, Organização Fascista Feminista que originou-se lá e temos atrás do PSB, e a turma de Teófilo Otoni quase todos entrou na POLOP, não foi Nilmário? Nós todos entramos juntos a POLOP, recebemos as primeiras aulas de Marxismo leninismo na Rua Major Lopes, na casa da hoje presidente Dilma Rousseff, 1966.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Apolo.

EDSON: Apolo Eligero, Ângelo Pezute, Murilo Pezute. E fomos pra frente e cada um tinha uma função eu era mais da roça, mais tarefeiro, e ia trabalhar o movimento operário, Nilmário mais intelectualizado ia escrever jornal, fazer livros, o Leor também comigo no movimento operário, eu fui dar aula de marcenaria, de matemática e desenho do sindicatos marceneiros de Minas Gerais, e fomos cada um como tarefa do APOLOP e com vontade de própria fazer aquilo que a gente acha que podia ajudar o movimento crescer e se organizar. Em 1967 eu tive eu tive a primeira prisão, dia 7 de setembro eu e o Leovigildo dedados por alunos do colégio militar [sic], que era obrigados ir pra rua dedar quem estava conspirando [sic], quem estava se reunindo, quem estava se ajuntando, fomos presos, mas uma prisão rapidinha, fomos presos as 11h00min fomos solto as 19h00min da noite. Em 1967, houve um grande ruptura, uma grande convulsão nas organizações de esquerda, existiram várias. AP, PCdoB, Corrente ALM, PARTIDÃO e tal, e a nossa POLOPS dividiu-se em duas, uma vertentes que pugnava pela luta armada, pela guerrilha urbana, rural e tinha entre os guerrilheiros vários conceitos [sic], e eu fiquei do lado daqueles que achavam que o momento não era oportuno, Nilmário também ficou.

Era necessário crescer o partido, fazer luta política, organizar os operários, que a revolução viria dos trabalhadores e não de pequenos grupos, de pequenos burgueses, estudantes jovens de classe média. E aí fomos à luta partido se **cidu** [sic], a organização **cidu** [sic]. Eu fiquei no chamado POC, Partido Operário Comunista. E pelo POC, eu fui indicado pra ser vice presidente da união nacional dos estudantes UNI, então fechada pela ditadura. A ditadura, todo mundo sabe o que foi o movimento, foi um golpe, as prevenções do Goulart de fazer as chamadas reformas de base, organizadas pelo latifúndio, pelos banqueiros capitaneados pelo Magalhães Pinto, que era governador de Minas, mas era do maior banco privado na época, o Banco Nacional, pelos imperialista que queriam dominar através da aliança pra o progresso e do acordo que o Ministério de Educação e Cultura com a união uma entidade em desenvolvimento, uma agência de desenvolvimento regional dirigida pelos Estados Unidos, se juntaram aos militares, deram o golpe, caçaram os direitos nossos e a minha primeira prisão então veio em 67, a segunda eu já vice presidente da UNI, era responsável dentro da UNI, pela defesa da tese da universidade crítica, que lutava e que discutia com o pessoal da AP, do PCdoB, outras tendências, outro tipo de universidade proposto e eu era o homem que tinha que não só assinar mas discutir, debater a proposta nossa da universidade cristo, universidade cidadã. Em 22 de agosto de 68 eu fui preso em Niterói em cima de ônibus fazendo um discurso para o pessoal que chegava da barca Cantareira. Fui cercado, os meus companheiros não conseguiram me tirar, fui levado pro DOPS, comi a minha carteira de identidade que a orientação que nós não podíamos, não deveríamos dentro do possível se identificar, fui preso e apanhei 3 dias pra falar o meu nome, dormi inclusive duas noites com uma bela cobra, depois eu fui descobrir era uma jibóia eu de cueca amarrado de mãos pra trás, aquela cueca samba canção, magro no canto e a cobra em cima de mim, eu não me mexia com medo dela me pegar, eu ficava quieto olhando o que ela ia fazer. Então eu ia à cobra passamos duas noites namorando, depois eu descobri o inspetor falou que era jibóia não fazia mal eu me acalmei. Eu sai dia 23 de setembro, recebi a missão de

continuar organizando o congresso da UNI, a 30º congresso da UNI de Ipiuna, o famoso congresso, fui pra o nordeste lá com Jeruina andamos pelas universidades do Ceará, fui pra o Rio de Janeiro, fui pra São Paulo, junto com Zé Dirceu, trabalhamos lá com o EE, tomamos a Maria Antônia, ocupamos a escola Maria Antônia, fizemos um centro de referência de conhecimento, Floresta Fernandes, com Caio Prado Junior, só cobra da economia, da sociologia e ficamos ali na verdadeira festa durante mês todo, sendo donos da Maria Antônia, e eu vice presidente da UNI, dia 12 de outubro fomos ao congresso clandestino escondido, não vou discutir detalhes dele inclusive tem uma tendência política que organizou e eu ate não sabia detalhes, apesar de ser vice presidente da UNI, lá fomos presos todos, 800 e poucos estudantes. Passei uma semana, 5 ou 6 dias no presídio Tiradentes. No presídio Tiradentes eu vim pro Dops e no DOPS apanhei pouco a não ser um dia, porque enquanto eu estava no DOPS no dia 29 de janeiro, da madrugada Nilmário lembra disso, chegaram lá amarrados, torturados, sangrando, Jorge Nahas, a esposa dele Maria Zezé, eu não sei o Ângelo ou irmão dele estava um dos 2 não estava, Maurício de Paiva que estudava engenharia comigo, eu sou engenheiro civil. Chegaram amarrados, na madrugada, com a moral baixa e os policias batendo, humilhando e sangrando, eu gostava de música, ate o livro do Dirceu e o livro do Chico Soriano fala disso, eu comecei a cantar. Aquela música entrega a polícia, entrego não, fala pra eles dar aquela força e aquilo levantou a mim mesmo inclusive que estava com moral baixa, eu comecei a gritar e a turma , e a polícia “para”, “eu não paro”, comecei a gritar 04h00min ou 05h00min da manha e eles entraram.